

Liberdade de expressão e jornalismo alternativo

Por sua própria conta - ou uma olhada nos bastidores

*Um ponto de vista de **Jochen Mitschka**.*

Os meios de comunicação clássicos explicam repetidamente que "na Alemanha existe uma liberdade de opinião absoluta". Por outro lado, as acusações de repressão e falsificação de notícias pelos meios de comunicação social dominantes no mercado estão a tornar-se cada vez mais altas e numerosas. É isto com casos claramente comprovados. Praticamente nenhum dia passa sem a prova de como os meios de comunicação mais importantes interpretam os incidentes, em vez de dar detalhes sobre o seu conteúdo. Mas as chamadas "mídias alternativas" são melhores? E o lado financeiro do jornalismo alternativo? Hoje eu gostaria de descrever minha própria experiência pessoal como autor com minha própria opinião.

Primeiro há a experiência com a mídia "clássica" (impresa). Muitos anos atrás, quando a Internet estava apenas começando a se desenvolver, eu tinha uma pequena brincadeira com eles. No entanto, recebi repetidamente pedidos claros dos editores para mudanças na avaliação dos fatos, duração do artigo, ênfase em "exemplos" ou testemunhos para aumentar a emotividade, mas omissão de antecedentes e fatos, etc. O que estragou a minha diversão depois de um tempo muito curto e então eu parei de escrever por muitos anos.

Então, em 2016 e 2017, com a aposentadoria em mente, comecei a escrever para Alternative Media. Isso desenvolveu-se muito bem no início. Ao contrário de antes, porém, eu não via como meu trabalho relatar de uma forma puramente neutra, mas sim sentir que a cobertura da mídia de massa era tão unilateral que eu me concentrei em romper com essa unilateralidade. Mas logo percebi que havia "alternativas" que eram críticas, mas não necessariamente críticas ao sistema, mas mais próximas do mainstream do que eu pensava.

Havia, por exemplo, o site que, depois de algumas rejeições, me disse abertamente que não queria mais trabalhar comigo porque o editor tinha notado que eu tinha publicado livros na Kopp-Verlag. Num segundo caso, a explicação era bastante indirecta. Outra página não queria publicar um artigo que tratasse criticamente da política de Israel. "Não quero arriscar isso". Portanto, não era o conteúdo de minhas contribuições que estava em questão, mas o fato de que eu tinha ousado publicar livros em uma editora excluída pelo estabelecimento, ou tocar em um assunto que tinha medo de publicar algo "errado" com ele.

Aqui vai uma palavra sobre trabalhar com a Kopp-Verlag. Foi a editora que me ofereceu publicar dois livros (1) sem influenciar o seu conteúdo, enquanto as editoras estabelecidas não me tinham respondido ou tinham rejeitado os livros. A colaboração com os editores foi boa a muito boa, e não me senti influenciada ou impedida de forma alguma no meu trabalho. Existem, naturalmente, livros na Kopp-Verlag para os quais eu não escreveria certamente um comentário positivo. Mas também

há livros muito interessantes. Não apenas a nova edição de "A única potência mundial" de Zbigniew Brzezinski, um livro recomendado pelos principais políticos alemães na primeira edição. Bem, publicado num "Paria-Verlag", um deles não tinha permissão para o ler mais. ... Em minha opinião, rejeitar um autor e seu livro simplesmente porque aparece em uma "certa" editora não tem nada a ver com os princípios básicos de uma sociedade aberta, livre e democrática. Isto está mais de acordo com os sistemas autoritários, dogmáticos e/ou fascistas. Estamos prontos outra vez?

De volta aos sites alternativos. Ao lado das páginas já mencionadas, que eu acho que gostaria de abordar o mainstream político, há uma classe de páginas, que quer representar uma direção sócio-política. E lá me disseram uma vez que uma contribuição que já tinha aparecido tinha de ser revista, teria sido retirada da rede novamente porque alguém se tinha ofendido com ela. Os pedidos de alteração continuaram até que percebi que queriam que eu mudasse o conteúdo, o que eu não fiz, mas decidi não publicar. O mesmo site, então, não queria publicar um artigo que eu tinha anunciado, porque eles tinham concordado em não apoiar uma tese mencionada nele.

No entanto, continuo a trabalhar com este site. Porque, tendo em conta o facto de os meios de comunicação social relatarem claramente de uma forma narrativa, é legítimo construir uma contraposição e tentar comunicá-la nos meios de comunicação social sem grandes discussões. Mesmo que isso não corresponda à minha opinião pessoal, como tal meio deve informar e esclarecer o usuário da mídia.

Bem, então há dois meios de comunicação que faltam na minha crítica. Primeiro há deutsch.rt.com, a secção alemã da Rússia Hoje. Uma vez rejeitaram um artigo porque não queriam parecer muito agressivos e temiam que pudesse aparecer como um "artigo de opinião pago". Qualquer pessoa que esteja familiarizada com a luta dos meios de comunicação social e com a difamação da estação deve aceitar essa decisão. O artigo apareceu então em outro meio. Todos os outros artigos foram publicados sem alteração de conteúdo (mas após cuidadosa análise dos links para concordância com as afirmações do artigo) ou influência sobre os fatos e teses neles contidos.

E ainda permanece este canal do KenFM. O que eu experimento aqui é realmente único. Nenhuma contribuição foi influenciada de forma alguma, ainda que contradiga outras contribuições já publicadas. A este respeito, a KenFM realiza num microcosmo mediático o que eu esperava dos meios de comunicação social.

Mas o que é que tudo isto tem a ver com a liberdade de opinião?

Bem, é claro que há sempre um meio alternativo no qual você pode espalhar a sua opinião. Em caso de dúvida, você pode criar seu próprio "Speakers Corner" na forma de um blog. A este respeito, é verdade que na Alemanha gozamos nominalmente de "liberdade de expressão". No entanto, coloca-se a questão de saber até que ponto o poder dos meios de comunicação social e

a demonização e calúnia dos meios de comunicação social que lhes estão associados não irão, em última análise, restringir novamente esta liberdade. Quem luta contra os editores ou sites da Internet com o poder de bilhões de euros de contribuições forçadas para "mídia pública", que os considera como inimigos em vez de complementar a diversidade pluralista de opinião na sociedade, boicota a liberdade de opinião.

Algo semelhante também se aplica aos meios de comunicação "privados", que estão nas mãos de algumas empresas e que nem sequer evitam usar o seu poder financeiro para tentar silenciar blogueiros indisciplinados com um clube legal (2). Estas empresas têm um direito anacrónico. Porque os meios de comunicação na Alemanha são considerados como "empresas de tendências". Isto restringe os direitos dos trabalhadores e reforça os direitos do proprietário. Em outras palavras, o proprietário determina o que é escrito e transmitido. Quanto menor for o número de empresas independentes de comunicação social, maior será, evidentemente, a unilateralidade da informação. Quanto maiores se tornam as empresas, mais próximas estão do mundo das corporações e das finanças.

Acabou o tempo da emergência do jornalismo na Alemanha, quando combatentes solitários corajosos escreveram com um jornal municipal contra a corrupção e o Estado autoritário. E este é também o fim do jornalismo clássico, baseado na integridade e no compromisso social de seus protagonistas. Por esta razão, o status "Tendenzbetrieb", que se destinava a proteger esses empresários, transformou-se em seu oposto: Uma arma para impedir a liberdade de expressão. E, no entanto, a pressão para se conformar é tão ampla que os candidatos sabem o que esperar deles, mesmo antes de serem contratados. Eles não precisam mais de instruções escritas, como as que obrigam os funcionários da Springer a relatar apenas positivamente sobre os EUA e Israel.

Se uma "empresa de tendência" alcançou uma massa crítica, o status de "empresa de tendência" limita claramente a pluralidade de opiniões. Pelo contrário, esses meios de comunicação social que determinam a opinião devem ser obrigados a reflectir as condições e opiniões pluralistas da sociedade.

O financiamento da "liberdade de expressão"

Apenas os poucos jornalistas que publicam em meios de comunicação alternativos podem realmente ganhar a vida com o seu trabalho. Embora eu passe pelo menos tanto tempo pesquisando, escrevendo e publicando, como muitos jornalistas em tempo integral ou editores gastam, e na verdade em, para mídia alternativa, sites bem distribuídos, e estou ocupado com ele também 8 a 12 horas diárias, os textos me trazem no máximo 2500 a 6000 Euros por ano em direto ou renda de VG palavra no ano. A administração fiscal, então, generosamente me permite deduzir 25% como um montante fixo antes de eu ter que pagar imposto sobre a renda.

É parecido com os livros. As conhecidas editoras publicam apenas livros de personalidades já conhecidas. As pequenas editoras não têm possibilidades de financiar o marketing ou a

publicidade, razão pela qual as conversões geralmente cobrem os custos das editoras, mas para o autor só restam sementes de pão, que nem sequer cobrem os custos do rio para o computador. O salário mínimo legal nunca é atingido se se comparar a despesa com o resultado financeiro.

Portanto, a compra de livros, a participação em eventos, viagens ou pesquisas de campo só é possível se forem utilizados fundos de outras fontes de renda.

Enquanto os honorários dos meios de comunicação social públicos forem utilizados exclusivamente para eles, é, portanto, impossível obter um número suficiente de jornalistas mais jovens interessados em meios de comunicação social alternativos, porque quem paga o seu sustento?

Devido a este facto, a "alternativa" só pode existir se tiverem uma ocupação principal adicional, que lhes dê um rendimento suficiente, uma parceria de vida, que assuma o financiamento da família, ou se, como eu, forem financeiramente independentes após uma vida profissional bem sucedida ou de outras formas. Mas, claro, é exatamente isso que causa a unilateralidade no relato das "alternativas"! Todos os que trabalham nos meios de comunicação social fazem-no do seu ponto de vista pessoal, que é dominado pela sua situação de vida. Ninguém pode falar livremente disso. E por isso falta o número necessário de jornalistas, que preparam as notícias diárias de forma alternativa, com as alternativas.

Conclusão

Então, claro, qualquer um pode dizer o que tem a dizer. Mas ele deve esperar perder seu emprego, não alugar nenhum espaço público (como quando se trata de Israel e dos eventos do movimento BDS), ou ser caluniado e boicotado pelos meios de comunicação de massa, tornar-se economicamente empobrecido e cair na seguridade social básica.

No entanto, seriam necessárias várias medidas para garantir uma verdadeira liberdade de expressão:

Separação rigorosa entre mensagem e comentário. Este é realmente um requisito básico do jornalismo, mas é praticamente ignorado hoje em dia. Em vez disso, os jornalistas recebem prémios que são claramente a favor de uma "missão educativa".

Pluralidade de opiniões. Por uma representação adequada de opiniões de diferentes direções da sociedade. Já não é esse o caso hoje em dia, mesmo em todos os meios de comunicação social, como mostra o exemplo das reportagens sobre a Ucrânia, a Síria ou o Irão.

Controle da mídia pela sociedade. Ao controlar os meios de comunicação social pela sociedade, que abre a possibilidade de impor sanções, os princípios acordados devem ser ignorados, é talvez o requisito mais importante. O controlo dos meios de comunicação social nem sequer ocorre no caso dos "meios de comunicação públicos", como se pode ver pela história de Maren Müller e da associação "Ständige Publikumskonferenz der öffentlich-rechtlichen Medien e.V.". E assim

"verificadores de fatos" podem simplesmente afirmar que "notícias falsas" só ocorre com as "alternativas". Assim, a história mediática das guerras contra o Iraque, a Sérvia, a Líbia, a Síria ou a mudança de regime de 2014 na Ucrânia, etc., é invertida.

Separação de notícias e pagamentos. Separando, pelo menos em parte, notícias e pagamentos. Isto significa que, enquanto o Estado, por exemplo, ou organismos controlados por partidos políticos, decidirem sobre o pagamento dos jornalistas, não pode haver jornalismo independente. E isso é provavelmente o que se quer. Não há outra explicação para o fato de que o governo federal está considerando apoiar os editores de jornais por causa do colapso das receitas do negócio de impressão (3) em vez de apoiar jornalistas e mídia alternativa em favor de uma política de informação pluralista.

Assim, a liberdade de expressão tem sido amplamente realizada dentro da comunidade KenFM (embora certamente haja casos que poderiam ser discutidos aqui também, porque a minha visão é naturalmente limitada), mas não dentro da sociedade de mídia. Poder dizer o que pensa sem ser alvejado ou encarcerado significa tão pouco desfrutar da liberdade de expressão como as eleições significam automaticamente que um Estado é uma democracia.

Fontes:

(1) <https://www.kopp-verlag.de/a/die-menschenrechtsindustrie-im-humanitaeren-angriffskrieg-3>

(2) <https://jomenschenfreund.blogspot.com/2017/07/der-stern-fake-news-propaganda-und.html>

(3) https://www.deutschlandfunk.de/subventionen-fuer-verlage-bundesregierung-foerdert.2907.de.html?dram:article_id=463450

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: Photo Kozyr / Shutterstock

+++

KenFM se esforça para obter um amplo espectro de opiniões. Artigos de opinião e contribuições de convidados não precisam refletir o ponto de vista editorial.

+++

Gostas do nosso programa? Informações sobre opções de suporte podem ser encontradas aqui: <https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora você também pode nos ajudar com Bitcoins.

BitCoin Endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqNqSoW5TL1z1PZgZK